

# Os misteriosos quadros dos meninos de uniformes azuis

**P** [publico.pt/2022/01/19/culturaipsilon/noticia/misteriosos-quadros-meninos-uniformes-azuis-1992376](https://publico.pt/2022/01/19/culturaipsilon/noticia/misteriosos-quadros-meninos-uniformes-azuis-1992376)

Alexandra Prado Coelho



Quando viu os quadros numa parede na zona da reserva técnica do arquivo histórico da Penitenciária de Lisboa, Viviane Borges parou imediatamente. “Num primeiro momento achei que eram presos comuns, adultos. Aí, olhei melhor e vi que pareciam crianças”, conta ao Ípsilon. Começou a fazer perguntas aos funcionários do arquivo, mas as informações que estes tinham eram muito limitadas. “Sabiam que o artista se chamava Pinho, mas ninguém sabia dizer-me se tinha estado preso ou não” nem dar qualquer outro pormenor.

A investigadora brasileira, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina e a fazer um pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, pedira para visitar o arquivo da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais no âmbito de um trabalho sobre o património das prisões, mas os misteriosos quadros tinham-se cruzado no seu caminho e percebeu imediatamente que era impossível ignorá-los – a pesquisa que então iniciou resultou já num livro intitulado apenas *Pinho* e editado pela The Agência Manicómio

Quem seriam aquelas crianças impressionantemente magras, ossos das costelas a aparecer nas costas curvadas, olhos grandes em caras tristes, assustadas, cabeças rapadas, descalças, vestidas apenas com miseráveis uniformes azuis? Que espaços eram aqueles? Um refeitório, uma enfermaria, um dormitório escuro, um rapaz enfiado num vão de escada, de castigo, um pátio junto a umas janelas com grades, uma sala desoladora, fria, paredes com a tinta descascada, soalho de madeira com buracos e as crianças, nuas, a coçarem-se com desespero e a serem esfregadas com urtigas.

Havia, ao todo, vinte quadros a óleo e vinte desenhos a carvão. “Junto tinha uma pastinha azul com cópias de partes do que me pareceu ser um catálogo de uma exposição com imagens das obras e alguns textos”, prossegue Viviane. Investigando, chegou finalmente à história por trás dos quadros. Pinho era, afinal, José Joaquim de Almeida, pintor que vivera toda a sua infância em orfanatos e asilos no Norte de Portugal e que, passadas

várias décadas, já nos anos 80 e 90 do século XX, decidiu registar essas memórias dolorosas no conjunto de quadros e gravuras que Viviane encontrou no arquivo da Penitenciária.



Foto

“O objectivo desta exposição”, escreveu Pinho nos anos 90 quando os quadros foram mostrados pela primeira vez na Casa do Infante, no Porto, “é ser vista pelo maior número possível de pessoas, principalmente por aqueles que forem chamados a olhar, guiar e formar os homens de amanhã.” Nesse texto, o autor lembra que “os que viveram uma infância dentro de muros, continuam sempre fugindo, sentem-se sós na multidão”.

Foi aos 10 anos que “aconteceu a primeira percepção do que não estava certo”. As imagens, essas tinham “rolado dentro” dele durante 50 anos, não foi preciso esforçar a memória. Dificilmente se esquecem. São “figuras lembradas de olhos fechados até o sofrimento”, escreve.

José Joaquim de Almeida não foi institucionalizado por ter cometido algum crime ou por ser órfão. Simplesmente, a mãe, solteira, como muitas outras mulheres na época, não tinha possibilidade de o criar – o drama dessas mães é, aliás, tema de pelo menos três gravuras, uma que mostra uma mulher a despedir-se de uma criança à porta do reformatório, outra que mostra o dia das visitas e a terceira em que uma mulher aparece desmaiada no chão atrás de um grupo de guardas, um dos quais segura-lhe o pulso.



Foto

Quem seriam aquelas crianças magras, ossos das costelas a aparecer nas costas curvadas, olhos grandes em caras tristes, assustadas, cabeças rapadas, descalças, vestidas apenas com miseráveis uniformes azuis? Que espaços eram aqueles?

“Ele foi ali colocado porque era pobre”, enquadra Viviane. “Nos reformatórios tanto existem menores em conflito com a lei como os abandonados e as crianças pobres. E todos eram tratados da mesma maneira.” Foram necessários nove anos de trabalho para que José Joaquim de Almeida terminasse o conjunto de quadros e de desenhos, que acabariam por ser mostrados nos anos 90 na exposição intitulada *O Destino do Rapaz de Rua*, e mais tarde comprados pela Direcção-Geral de Serviços Prisionais. E assim chegaram ao arquivo onde Viviane os encontrou.

“O Arquivo Histórico da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais guarda um acervo extraordinário sobre a história das prisões em Portugal, constituído por fundos documentais que remontam ao século XVIII”, explica a investigadora no livro. “São cerca de 30 quilómetros lineares de documentos e fotografias procedentes dos estabelecimentos prisionais e centros educativos de todo o país.” Há ainda o núcleo museológico “que inclui objectos variados como esculturas, mobiliário, pinturas, desenhos, quadros, uniformes, armas, algemas, instrumentos de fotografia e cinema, objectos ilícitos apreendidos, maquetes, instrumentos musicais, instrumentos científicos de medição antropométrica, etc.”.



Foto

A pesquisa que Viviana Borges iniciou resultou já num livro, *Pinho*, que já saiu no Brasil e sairá em Portugal em 2022 Diego Nery

Entre este mundo de objectos cheios de histórias, destacavam-se os quadros dos rapazes vestidos de azul, “uniformizados, despersonalizados, rostos esqueléticos entre tristeza e revolta, e em quase todos os quadros havia um deles que subtilmente destoava pelos lápis coloridos trazidos no bolso do uniforme azul e por confrontar o espectador com o olhar.”

Quis saber mais sobre Pinho e acabou por chegar à família do pintor, entretanto falecido. Conheceu a viúva, Henriqueta de Almeida, e a filha, Elisabete, visitou a casa, que é “quase um museu, com muitas obras dele”, retratos, naturezas-mortas, cenas do quotidiano e um, apenas um, quadro pertencente à colecção das crianças institucionalizadas – três rapazes, de uniformes azuis e cabeças rapadas, espreitam do alto de uma escadaria. “Tudo o resto lembra apenas a vida feliz que ele teve depois, há muitos dele com a D. Henriqueta, e na cave onde pintava era como se ele tivesse acabado de sair e já voltasse”.

Pinho é José Joaquim de Almeida, pintor que viveu toda a sua infância em orfanatos e asilos no Norte de Portugal e que, passadas várias décadas, já nos anos 80 e 90 do século XX, registou essas memórias dolorosas num conjunto de quadros e gravuras

Soube também que José Joaquim de Almeida, que nasceu a 8 de Maio de 1927 na Praia da Granja, em Vila Nova de Gaia, morreu em 1993 no Porto (três anos depois da exposição), e nunca perdeu o contacto com a mãe, compreendendo que ela só não ficara com ele por

não ter condições para isso. O nome artístico de Pinho, adoptou-o do pai, que nunca conheceu.

Apesar de, nos pequenos textos que escreveu para acompanhar os quadros, Pinho não identificar as instituições por onde passou, elas foram o Colégio Internato dos Carvalhos, a Tutoria de Menores do Porto, “que era um lugar de passagem antes de serem colocados noutros espaços”, e o Reformatório de Santa Clara, em Vila do Conde, um antigo convento. “Já entrei em contacto com esses lugares”, afirma Viviane, “mas eles não estão a encontrar informação. Muita coisa arde.”

“Tem só uma ou outra brecha ou fonte que te ajuda a montar esse quebra-cabeças. O que temos do Pinho é a versão dele sobre esses lugares. O que me proponho não é saber se é verdade ou mentira, mas deixar o Pinho contar a sua versão sobre a experiência que teve”, sublinha.

A única pessoa que a investigadora encontrou e que partilhara algumas das difíceis experiências de Pinho foi António Fernando, contemporâneo dele na Tutoria de Menores do Porto e que mostrou a Viviane um catálogo da exposição, autografado pelo pintor, que nele escreveu: “Haverá alguém que seja capaz de falar desta exposição que não nós?”.



Foto

Para já, com o Manicómio, o projecto liderado por Sandro Resende e José Azevedo para a integração dos artistas com doença mental, Viviane lançou o livro *Pinho*, mas o seu objectivo é fazer “algo de maior fôlego, talvez mais académico”. Sandro Resende conta que não conhecia a obra de Pinho até Viviane lhe ter falado dela, mas entusiasmou-se e propôs um livro (e não um catálogo) que fosse ele próprio um objecto de design, criado pela equipa de design do Manicómio. Composta também por pessoas com doença mental, esta equipa está a trabalhar numa série de livros sobre Arte Bruta a lançar com a Imprensa Nacional.

O livro sobre Pinho (que, apesar de nestes quadros expurgar um trauma passado, não pode ser considerado Arte Bruta, sublinha Sandro), já saiu no Brasil e sairá em Portugal em 2022. Ao mesmo tempo, está a ser preparada uma exposição que mostrará novamente ao público os quadros e desenhos da série *O Destino do Rapaz de Rua*. Segundo Sandro, a exposição acontecerá em Março ou Abril no Pavilhão 31 do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa – Hospital Júlio de Matos.

No Brasil, Viviane é coordenadora do Projecto Arquivos Marginais que há dez anos procura fazer a identificação de acervos relacionados com prisões, hospitais psiquiátricos e leprosários. “Trabalho com a professora Miriam Sepúlveda, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, fazemos a digitalização dos acervos e criámos uma série de podcasts baseados nas histórias desses presos, com o objectivo de trazer ao público esses relatos numa linguagem mais acessível, não só académica”, conta. Os *podcasts Histórias Marginais* vão ser lançados em breve e na segunda temporada, prevista para Maio, haverá um com a história de Jaime, o mais famoso artista português com doença mental, e também um sobre Pinho.

Se observarmos com atenção os quadros, reparamos que em vários uma das crianças representadas tem no bolso do uniforme azul um conjunto de lápis de cor. Geralmente é a criança que nos olha directamente de um dos pontos da cena de horror em que se encontra. Esse menino dos lápis é o *Pinho* criança, a olhar-nos à distância de quase um século, a partir do inferno desses lugares cuja história hoje já quase ninguém recorda.

*Nota: Quem tiver informações que possam ser úteis para a investigação sobre as instituições pelas quais passou Pinho ou outras semelhantes em Portugal, pode enviá-la a Viviane Borges para o email [viviane.borges@udesc.br](mailto:viviane.borges@udesc.br).*

---